

SÍRIA



Campo de refugiados de Reyhanli, Hatay, na fronteira da Turquia com a Síria (março 2012)

Aarsal Fatima com a sobrinha, atingida por um *sniper* em Al Qusair, Líbano (junho 2012)

Nos campos na Turquia são frequentes as tentativas de fuga através da vedação (março 2012)



Protestos de rua contra o regime de Assad em Trípoli, no norte do Líbano

Refugiados mas vigiados por Assad

Repórter holandesa conta a aventura que foi uma reportagem nos campos de refugiados da Turquia e Líbano

Texto e Fotos
MARIELLE VAN UITERT
na Turquia e no Líbano

Na Turquia, há cerca de 17 mil refugiados sírios em vários campos perto da fronteira com a Síria. Os campos situam-se principalmente no sul da província de Hatay, uma região que antes pertenceu à Síria. A situação é muito tensa porque há muitos apoiantes do regime sírio. É por aqui que resolvo iniciar esta reportagem junto dos refugiados.

A tensão política na Turquia sente-se assim que me registro num hotel de Harbiye. O dono do estabelecimento ajuda-me a encontrar intermediários de confiança para o meu trabalho de campo. À noite, sou obrigada a assistir a vídeos gravados em telemóveis que mostram decapitações horríveis, todas executadas por rebeldes sírios, segundo me dizem. Tentam convencer-me de que Bashar al-Assad é quase um santo e que eu devo dizer aos jornais que os refugiados sírios são um bando de mentirosos.

Reyhanli é o primeiro campo de refugiados que visito. Centenas de tendas brancas destacam-se contra o fundo de montanhas turcas e sírias. Como não tenho autorização oficial, só posso falar com os refugiados através da cerca. Se chego demasiado perto, os soldados turcos armados vêm intimidar-me por-

que os jornalistas não são bem-vindos nestes campos. No dia seguinte, escondo-me por trás do meu carro alugado, no sopé da montanha, e enfio-me por um buraco na vedação para dentro do campo, com as minhas duas máquinas escondidas numa mochila. Oíço as histórias de diversas famílias dos campos. Embora tenham perdido muitos amigos e parentes em Homs, mantêm um espírito de luta inimaginável. Apesar da segurança aparente que a Turquia oferece, a maioria dos refugiados quer voltar para a Síria o mais rápido possível.

“Mas primeiro Assad tem de ser morto”, diz Nasr, 33 anos, cujos primos foram torturados e mortos após participarem numa manifestação.

Há pequenas tendas, mas falta comida, espaço e liberdade. Os mais afortunados têm um colchão, os outros tentam contrabandear para fazer face às despesas. Marcouch, um combatente do Exército Livre da Síria (ELS), não quer ser fotografado e esconde-se. Contudo, o meu guia obriga-me a tirar-lhe uma fotografia.

De repente, instala-se o caos: fomos traídos e soldados armados perseguem-nos. Escondo o cartão de memória da câmara no sutiã e corro para o carro. Felizmente chego lá a tempo, deixando os soldados estupefactos ao portão. De volta ao meu apartamento, encontro a porta es-



Marielle com uma câmara oculta sob o boné do ELS

cancarada e falta-me outro cartão de memória. O meu intermediário insiste que eu lhe dê a fotografia de Marcouch e eu recuso. Venho a saber que é um espião de Assad, que recebe muito dinheiro por cada combatente do ELS que entregue. É tarde demais para arranjar outro hotel, portanto barriço a porta do quarto com um frigorífico, abandonando estes lugares favoráveis a Assad ao romper do dia. Em Antakya, cidade mais neutra, um ativista sírio explica-me: “Há muitos agentes infiltrados nos campos de refugiados. Assad tira parte da sua força do apoio da Rússia, China e Irão. A família Assad apoia-se em dezenas de departamentos de serviços secretos para espalhar boatos”. Isso, além do facto dos rebeldes fugirem dos campos du-

rante a noite para atravessar a fronteira com a Síria e juntar-se ao ELS, deve responder à pergunta por que é que os jornalistas são impedidos de procurar a verdade num Estado de direito democrático como a Turquia. No Líbano não há campos de refugiados. Aqui, a maioria dos refugiados sírios fica em casa de parentes ou aluga um pedaço de terreno para construir uma casa de madeira e tapetes. Fatima, de 36 anos, vive numa mesquita escura e sem aquecimento em Aarsal, no Vale de Bekaa.

Mostra medo e raiva ao segurar na sua sobrinha de dois anos, Shahad, atingida por um atirador furtivo em Al Qusair. A menina ficou paralisada da cintura para baixo. Fatima atravessou ilegalmente a fronteira com o Líbano em busca de ajuda médica. E diz: “Se vertêssemos petróleo em vez de lágrimas, a NATO viria ajudar-nos”.

Em Wadi Khaled, na fronteira norte com a Síria, sou forçada a sair da furgoneta num posto de controlo militar e sou interrogada ao longo de horas. Obrigam-me a voltar a Trípoli para obter autorização dos serviços secretos libaneses para entrar nesta região perigosa. Depois de muita conversa, deixam-me passar avisando-me dos perigos. O meu intermediário e tradutor leva-me quase até à Síria.

Perto da fronteira há uma bargagem e canos das armas virados para nós. Grito ao guia para

virar o carro mas é tarde. Sou empurrada para fora do carro e forçada a atravessar campo aberto. Vejo a Síria mesmo à minha frente. Os francoatiradores estão ocultos. Grito de novo que não estou interessada em fotografar a fronteira, mas o meu intermediário empurra-me para um abrigo destruído. Temos de manter a cabeça baixa porque a janela está crivada de balas.

Obriga-me a erguer-me e a tirar fotografias à fronteira e aos militares. Recuso-me mas não me solta até eu ceder. Tiro rapidamente fotografias e corro com todo o equipamento de volta ao carro. Fico furiosa quando descubro que dois jornalistas libaneses foram mortos por francoatiradores sírios exatamente ali. Por fim, saímos da pista da morte e nesse mesmo dia recebo ordens para me apresentar nos serviços secretos em Trípoli, onde devo mostrar todas as imagens e artigos feitos antes de deixar o país.

No momento em que entro no gabinete, granadas de morteiros e balas varrem o ar e dão-me escusa do interrogatório. Trípoli está dividida entre os antagonistas sunitas e os defensores xiitas do regime de Assad. Quanto mais este perde força, mais se exaltam os ânimos do lado de cá da fronteira.

Esta reportagem foi patrocinada pelo Nationale Postcode Loterij Fonds: Free Press Unlimited internacional@expresso.impresa.pt

Sai Annan mas Aleppo resiste

Ao fim de uma semana de ofensiva governamental os rebeldes mantêm Aleppo, segunda cidade síria. A motivação da guerrilha está em alta e parece começar a dispor das armas que lhes faltavam (capacidade anticarro e antiaérea). No resto do país também há luta. Os relatos de antontem referem o bombardeamento governamental do campo de refugiados palestinos de Yarmuk (Damasco) e o alegado massacre de 50 civis pelo exército no centro de Hama. Falam as armas onde a diplomacia se calou: o enviado especial da ONU, Kofi Annan, disse que vai renunciar a esta “missão impossível”. Rússia e China lamentaram e disseram ter “apoiado fortemente” o trabalho do ex-secretário geral da ONU. Que faria se o tivessem boicotado... R.C.